10 – Conclusão: Morte e esquecimento

“Mas eis que a conclusão da obra não é uma coisa morta (...), em sua conclusão, a criação torna a parir o criador.”²²⁰

Walter Benjamin

Chegamos à conclusão desse trabalho, e como foi anunciado na introdução, não pretendemos concluir fazendo uma retomada do que foi dito até aqui, muito menos buscar fechar as ideias traçadas em todo nosso percurso. Ao nosso ver, qualquer tentativa de resgatar uma unidade para o que foi exposto parece mesmo contradizer o exposto e o pensamento de Benjamin. De forma que não seria apropriado engendrar uma conclusão que encerre o tema, não, de fato não é esse o interesse. Ao invés de encerrar, preferimos manter aberto, acreditamos que essa permanente abertura garante que a obra não se torne coisa morta, e nesse movimento Benjamin é parido pela sua criação.

Dizer que a obra não está morta é dizer que ela não esgota sua reflexão, o assunto não se encerra em sua conclusão, do contrário lança novas projeções. “A obra é incompleta: ‘Apenas o incompleto pode ser compreendido, pode nos levar mais além.’”²²¹. Este caminho para além é possível, pois não se pretende amarrar conceitos no pensamento, mantêm-se os sentidos abertos, passíveis de infinitudes de interpretações, permitindo a tensão entre mostrar e velar. Se Benjamin insiste em ressaltar esta abertura, essa insistência se explica dada a relevância e dificuldade da questão, pois de fato estamos sempre a um passo de dar por encerrada a investigação, esgotar o pensamento, e assim, na arrogância de uma conclusão definitiva, nos abtemos de olhar o aqui e agora, e fixamos a atenção em uma sentença, tornando-a para sempre válida e universal, pretendendo atribuir uma imortalidade aos conceitos. Contudo, há uma abissal diferença entre a obra que não se torna coisa morta e a pretensão de imortalidade. A não morte da obra indica que ela vem sempre a ser a cada vez, já a imortalidade significa que ela é sempre igual a si mesma, eterna repetição do mesmo. A segura repetição que não

²²⁰ BENJAMIN, Walter. *Após a conclusão* In. Obras escolhidas vol. II, p.277.

²²¹ SCHRIFTEN Apud BENJAMIN, Walter. O conceito de crítica de arte no romantismo alemão, p. 76.

impõe novas atitudes, novas reflexões, o terreno do controle e do previsível, daquilo que se estende no hábito maquinal e é depurado da novidade da criação. Só o que é mortal pode se recriar.

É de se notar que Benjamin insiste em trazer para seu pensamento a alegoria da morte. Em vários momentos a ideia da morte é evocada como recurso para explicar seu pensamento filosófico, porém, sendo uma alegoria²²², trata-se de um recurso que não fornece explicações claras, mas destaca a dificuldade das ideias apresentadas, indicando que elas não portam uma transparência de sentido. Assim, Benjamin recorre à “(...) alegoria como figura retórica que marca, exatamente por seu caráter arbitrário e difícil, as faltas e dilaceramentos do real.”²²³

A alegoria da morte no pensamento do filósofo se esquia de um sentido único, é possível extrair dela uma profusão de sentidos. Entre esses sentidos nos interessa apontar que é na finitude que há a potência da criação. O homem, sabendo-se finito, acaba com a pretensão de perenidade, de chão eterno que segura tudo, rompe com a ideia de eternidade e deixa de buscar verdades eternas, voltando-se para construção do presente. Nesse sentido, Benjamin opõe-se à pretensão científica de um conhecimento universalmente válido, ele questiona o discurso totalizante em que se funda a experiência da tradição e entende que é necessário assumir a decadência desse discurso tradicional, o declínio das verdades e garantias. Pois, somente a partir desse olhar livre do peso de prévias determinações que é possível construir algo acerca do presente, construir uma nova experiência. Quando Benjamin fala que é necessário assumir a pobreza do homem moderno e sua barbárie²²⁴, entendemos que esse despojar da tradição e da unicidade de discurso, também implica em assumir a finitude, a mortalidade em que estamos inseridos e que instiga toda criação.

O pensamento, ao se caracterizar como teoria e imbuído de conceitos, perde a dinâmica de seu movimento. Entretanto, há um ganho secundário nesse

²²² “A alegoria (...) pretende uma tradução sensível do conceito, ao invés de fazer ver o sentido em sua imediatidade. Como próprio nome indica, a alegoria fala de outra coisa que não de si mesma (*alós*, outro, e *agorein*, falar, em grego) (...)” GAGNEBIN, Jeanne. *Walter Benjamin. Os cacos da história*. p. 47 e 48.

²²³ GAGNEBIN, Jeanne. *Walter Benjamin, Walter Benjamin. Os cacos da história*. p. 48

²²⁴ Cf. ensaio do Benjamin *Experiência e pobreza*. In. Obras escolhidas.

procedimento. Não obstante o pensamento livre de teorias se apresente como postura fundamental e libertadora, também representa uma tarefa deveras difícil, pois implica em assumir que não há nada preestabelecido e garantido, assumir que o homem está lançado na pobreza de determinações, que há apenas a pura possibilidade. O homem se vê na incumbência de assumir que não é um sujeito com ente definido e determinado, do contrário, a ele está aberto todo vazio e liberdade de vir a ser. Este vazio, a partir do qual nos é dado criar sentidos, e sobre o qual não nos cabe falar e muito menos conceituar e determinar, nos angustia; a incerteza do indeterminado angustia, provoca a sensação de absurdo, de que não há sentido na finitude da vida. A morte é o vazio e o silêncio, ela não diz nada de si mesma, não se apresenta e foge aos limites da experiência. Assim, diante da percepção do vazio, encontramos algum consolo ao maquiar esta abertura da existência com modelos, conceitos e toda sorte de mecanicismos. Concepções como a do filisteu²²⁵ desconsideram a pluralidade do real, mas diminuem o risco da desorientação, pois apresentam uma verdade a ser buscada, algo que justifique a existência, e uma regra que pautar a conduta e justifique a morte, assim trata-se de se convencer que a morte não é agora, mas um dia em um futuro indeterminado projetado na eternidade, e caso ela sobrevenha houve um motivo, uma coerência, que é explicada pela quebra aos ditames.

Assim, abrir mão do artifício das certezas da tradição significa escancarar o vazio que é a pura possibilidade, assumir a pobreza que nos constitui. É assumir que o sujeito não é ponto de partida do pensar, o homem está imerso em uma totalidade referencial, ele cria e é criado pelo referencial, ele não antecede ao mundo, ele é no mundo. Ser criado no mundo significa não estar pronto, não ser acabado e perfeito (todo feito), desta forma, assumir a potencialidade de vir a ser é também assumir que essa potencialidade é finita: há a morte, dentro das possibilidades do vir a ser também está presente a falência. Assumir a finitude é assumir que as coisas não são eternas, não temos o conforto de uma verdade universal e imutável. O que há é existência temporal, é uma dinâmica histórica de acontecimento, a partir da qual a realidade se constitui e manifesta sentido, pois o sentido nasce do luto, da falta e não da plenitude e eternidade.

²²⁵Cf. o ensaio de Benjamin *Experiência*.

“A história humana (...) só pode ser verdadeiramente narrações e verdadeiro advir se nossos atos e nossas palavras forem penetrados pela finitude e pelo depercimento, portanto preciosamente únicos, insubstituíveis, atuais, sem o consolo da imortalidade”²²⁶

Toda ideia de sentido único, seguro e eterno é apenas um engodo que maqueia a contingência do presente. O sentido não é de natureza estática, ele se desdobra a partir da transformação das coisas no tempo e conseqüentemente é marcado pelo perecimento. Portanto é necessário trocar todo arsenal teórico da tradição, com suas premissas e certezas, por um radical não saber que vem acompanhado do dom da mortalidade e o reconhecimento de nossa contingência. Frente ao vazio indeterminado do advir, não há um padrão transcendental que nos oriente.

É nessa dinâmica entre morte e criação que se funda a cultura da modernidade, e por isso Benjamin se interessa tanto em pensá-la, ele percebe que muito além do mero processo de desagregação social e de fragmentação da percepção, a modernidade expõe com excelência o jogo entre perda e construção. Assim esse tempo histórico se configura em Benjamin como o pano de fundo sobre o qual ele se lança a pensar a nossa própria condição de finitude. A modernidade expõe a perenidade inscrita em nós desde sempre. Baudelaire observando os trajes escuros da moda, diz que a modernidade, vestida de preto, parece estar sempre celebrando algum enterro²²⁷, ela é a passante que, com véu de viúva²²⁸, atravessa a multidão em seu passo efêmero e se despede para sempre²²⁹.

A modernidade se caracteriza pela relação entre vida e morte, pois inserida em um fluxo vertiginoso em direção ao novo, ela está fadada a uma destruição próxima, carrega o signo do suicídio²³⁰. No ritmo célere de produção de toda ordem; sejam de bens, de valores, de experiências, de sentidos e etc, não há uma demarcação clara entre velho e novo, de forma que toda novidade no instante

²²⁶ GAGNEBIN, Jeanne. *História e narração em Walter Benjamin*, p. 94.

²²⁷ BENJAMIN, Walter. *Paris do segundo império*. In Obras escolhidas III, p. 76.

²²⁸ BENJAMIN, Walter. *Sobre alguns temas em Baudelaire*. In obras escolhidas vol. III, p.118

²²⁹ BENJAMIN, Walter. *Sobre alguns temas em Baudelaire*. In obras escolhidas vol. III, p.118

²³⁰ “As resistências que a modernidade opõe ao impulso produtivo natural ao homem são desproporcionais às forças humanas. Compreende-se que ele vá enfraquecendo e busque refúgio na morte. A modernidade deve manter-se sob o signo do suicídio, selo de uma vontade heroica, que nada concede a um modo de pensar hostil. Esse suicídio não é renúncia, mas sim paixão heroica.” BENJAMIN, Walter. *Paris do segundo império*. In Obras escolhidas III, p. 74 e 75.

seguinte torna-se obsoleta, envelhece. “É porque o antigo nos aparece como ruína que o moderno, igualmente fadado a uma destruição próxima, se parece tanto com ele²³¹”. Assim, como diz Benjamin, “significação e morte amadurecem juntas”²³², ou seja, na medida em que algo ganha sentido ele também está em vias de perecer na caducidade, impondo assim um novo movimento, e o movimento é permanente.

Muito embora a modernidade esteja mergulhada nesse permanente movimento de construção de sentido, e criação de experiência, não é apenas por este viés que ela se relaciona com a mortalidade, cabe ressaltar que a morte aqui tem um caráter ambíguo e se por um lado pode se apresentar como a pobreza propulsora de movimento, por outro também se apresenta como freio e estagnação. Nesse caso aludimos à modernidade como herdeira de uma tradição, pois o moderno se define a partir de sua relação com o novo, e com o antigo. Esta relação com antigo pode tornar-se melancólica, é a nostalgia em relação às certezas desaparecidas e idealização do passado que provoca o luto. No olhar melancólico para a história há a pretensão que o tempo consumado fosse perfeito, todo acabado, e não se toma a compleição do tempo como uma tarefa do presente. É a busca insólita ao passado tal como era que provoca, como diz Baudelaire²³³, o esquecimento do presente e mantém a percepção distraída para seu tempo, insere-se no terreno da vivência em que o fluxo contínuo de novidade se torna a repetição do mesmo.

Uma vez que a modernidade se insere nessa tensão entre tradição e pobreza, deve-se cuidar para que a referida tensão não seja resolvida em uma conclusão, em uma síntese. Pois não se trata de apegar-se ao discurso tradicional, nem de se manter no fluxo constante da novidade; ambas posturas se inscrevem na repetição, forjam uma continuação e perenidade no sentido que trapaceia o movimento de permanente criação. Ao invés de pretender uma síntese para tradição e pobreza, Benjamin defende a noção de dialética parada que preserva a

²³¹ GAGNEBIN, Jeanne. *História e narração em Walter Benjamin*, p. 50

²³² Apud GAGNEBIN, Jeanne. *História e narração em Walter Benjamin*, p. 39.

²³³ “de tanto se enfrontar nele (no antigo), se perde a memória do presente; se abdica do valor dos privilégios fornecidos pela circunstância, pois quase toda nossa originalidade vem da inscrição que o tempo imprime às nossas sensações” BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade* p.28.

tensão entre os lados, gerando uma postura ativa, que se empenha no movimento de criação de experiência. “A especificidade da experiência dialética consiste em dissipar a aparência do sempre-igual- e mesmo da repetição- na história.”²³⁴ Nesse sentido Benjamin adverte a respeito da necessidade de se criar uma experiência artificial²³⁵, ou seja, artificial pois precisa ser engendrada, requer um esforço.

Trata-se do esforço de abrir caminho em meio às ruínas do passado, é reconhecer que não há caminho pronto, ou seja, é apropriar-se do curso das coisas e também resignar-se à perda. E pelo esquecimento se aproximar do que é instante, abandonar a memória que nos castiga, e construir outra memória, fazendo do tempo um manancial de novos sentidos. Assim o passado é tomado em sua mutiplicidade, sem arestas de silêncios, ele se torna fluido, acaba por desaguar no mar do feliz esquecimento. Um esquecimento que não é perda e abandono, trata-se de um esquecimento positivo que remete à luta contra a memória do passado como repetência do mesmo, é um esquecimento que marca a insuficiência, a falha da memória, a finitude. Rompe com a pretensão de tudo deter e controlar. O esquecimento introduz uma ruptura na história rompe a repetição. Benjamin pensa o tempo histórico e a cultura pela dialética parada e seu método indireto que obedecem à dinâmica própria do pensamento e da memória, ou seja: esquece, lembra e esquece. Sempre volta-se à mesma questão, pois sobre ela sempre há algo esquecido, a ser lembrado e enfim esquecido. Salvar é lembrar, mas mais do que lembrar, é esquecer.

²³⁴ BENJAMIN, Walter. *Passagens*, p. 515, seção N 9, 5.

²³⁵ “reproduzindo artificialmente, sob as condições sociais atuais, a experiência (...)” BENJAMIN, Walter. *Sobre alguns temas em Baudelaire*. In. Obras escolhidas vol. III, p. 105